



## “DEUS NÃO ESTÁ MORTO, APENAS NÃO ESTÁ NEM AÍ”: QUADRINHOS E RELIGIÃO EM *PREACHER*

Gustavo Soldati Reis<sup>i</sup>

Universidade do Estado do Pará

### RESUMO

O texto tem por objetivo analisar representações de experiências religiosas, notadamente cristãs, na História em Quadrinhos *Preacher*, roteirizada pelo artista norte-irlandês Garth Ennis e desenhada pelo artista inglês Steve Dillon, originalmente publicada em 1995 pela DC Comics. Em termos de delimitação material do objeto o foco recairá em partes do primeiro e segundo volumes intitulados *A Caminho do Texas* e *Até o Fim do Mundo*, além da história que encerra a Série. Parte-se da ideia de que os quadrinhos, enquanto linguagem, são produções de sentido que precisam ser interpretados na relação hermenêutica entre seus elementos estruturais e as condições sociais e culturais de expressão dessa linguagem. Para tanto, partindo da noção de solidariedade icônica na neosemiótica de Groensteen, é analisado as possíveis relações entre religião e quadrinhos com o seguinte problema: seria *Preacher* uma forma de mitologia atualizada? Se sim, em que medida as ficções míticas representadas em torno da personagem Jesse Custer, o pregador/pastor que é “possuído” pela entidade híbrida (meio angelical, meio demoníaca) chamada *Gênesis*, promovem uma releitura crítica das representações do divino, principalmente quando essas representações provocam leituras fundamentalistas da realidade? São algumas questões motivadoras para a investigação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Quadrinhos (*Preacher*); Mitologia; Representação (Divino); Religião (Fundamentalismo);

### Abstract

“God is not dead, he just doesn’t care”: Comics and Religion in *Preacher*

The aim of this text is to analyse representations of religious experiences, most notably Christian, in *Preacher* comic magazine written by the artist Garth Ennis from Northern Ireland and drawn by the English artist Steve Dillon originally published in 1995 by DC Comics. In terms of the delimitation of the object, the focus will be on parts of the first and the second volumes named *Gone to Texas* and *Until end of the world*, besides the history that ends the series. It starts with the idea that comics, as a language, are productions of meaning that need to be interpreted in the hermeneutic relation between their structural elements and the social and cultural conditions of expression of that language. Therefore, starting from the notion of iconic solidarity in Groensteen’s neosemiotic (2015), it is analysed the possible relations between religion and comics with the



following problem: would *Preacher* be an updated form of mythology? If so, in what extent the mythical fictions represented by the character of Jesse Custer, the preacher/pastor who is possessed by the hybrid angel-demon entity called Genesis, encourage a critical reinterpretation of the representation of divine, especially when these representations provoke fundamentalist understandings of the reality? These are some motivating questions for the research.

**Key-words:** Comics (*Preacher*); Mythology; Representation (Divine); Religion (Fundamentalism).

## INTRODUÇÃO

O Senhor não é o Deus de amor que ele nos prometeu que seria. Ao contrário, ele é simplesmente um deus que se alimenta de amor. A criação da humanidade foi um ato de egoísmo, puro e simples – escolher seguir a palavra de Deus seria um ato consciente, portanto, muito mais prazeroso para ele. O resultado foi um mundo que jamais vai conhecer a paz, mas eu acho que isso nunca o incomodou<sup>ii</sup>

O título desse texto pode parecer uma contradição. Afinal, para quem conhece a História em Quadrinhos (HQ) em questão sabe que Deus morre (ou parece), alvejado pelo tiro certo de uma das personagens, o *Santo dos Assassinos*. Mas não nos atenhamos ao final da saga. Pelo menos não agora. Voltaremos a esse final na última seção desse texto. Toda a série *Preacher* cujo primeiro número, originalmente publicado em abril de 1995 e último número em outubro de 2000, roteirizada pelo norte-irlandês Garth Ennis e desenhada pelo artista inglês Steve Dillon, mostra as representações do divino, através dos discursos e ações de uma das personagens principais (o reverendo norte-americano Jesse Custer, o *Pregador* que dá nome à Série) em um conjunto de tramas narrativas onde esse divino, nas palavras do pregador, não “está nem aí” para as suas criações. Nos termos da citação que serve de epígrafe para essa Introdução, toda a sorte de mazelas, conflitos e ambiguidades que assolam a condição humana parecem nunca incomodar a Deus que, por sua vez, deleita-se em seu egoísmo muito mais preocupado em, supostamente, transformar os seres humanos em suas marionetes. Esse é um dos problemas centrais debatido em toda a Série. Se o filósofo e teólogo belga A. Gesché estiver certo ao afirmar que a ideia de Deus representa, principalmente na história do pensamento ocidental, o pensar no limite, nas suas perspectivas, possibilidades e abusos de poder (2003, p. 5-6), a HQ *Preacher*, em suas várias possibilidades de leitura pode ser vista como uma invenção ficcional para problematizar, justamente, como a religião



se constitui como instância de poder estruturador nas sociedades contemporâneas, principalmente quando apropria-se de campos simbólicos de uma das religiões hegemônicas nesse mesmo Ocidente – o Cristianismo. Em outros termos, e por hipótese, a HQ *Preacher* é uma *mitologia atualizada* (Reblin, 2015) ao recontar os percursos e percalços, os usos e abusos das linguagens da religião.

No caso específico que serve de eixo temático para esse texto *Preacher* pode ser, seja em seu sistema narrativo, principalmente na conjugação entre imagens solidárias (Groensteen, 2015), seja nas possibilidades hermenêuticas de produção de sentido na leitura da HQ, uma narrativa crítica a grandes sistemas mitológicos de dominação que constituíram o imaginário religioso no Ocidente, principalmente as mitologias cristãs. Em relação a *Preacher*, uma das influências políticas e religiosas possíveis é a leitura crítica dos conflitos entre protestantes e católicos na terra natal de Ennis, a Irlanda do Norte e, também, a grandes setores do fundamentalismo evangélico norte-americano. Basta lembrar que toda a formação religiosa e a atuação pastoral do personagem Jesse Custer ocorre em uma pequena cidade fictícia do interior do Texas, *Annvil*. O Texas é uma notória região sulista, nos EUA, onde esses movimentos evangélicos tem profunda penetração no tecido social. Como essas discursividades evangélicas chegaram e chegam a muitos países do Sul hemisférico, como o Brasil, reler o tema da religião, em uma de suas características fundamentais que é a linguagem mítica, pode ser um bom exercício de leitura dessa HQ para além de seu lugar de produção original. Assim, o tema específico da representação do divino, nessa *narrativa mitológica* que é *Preacher*, ajuda a entender as relações entre a religião, enquanto linguagem e sua expressão em outros meios de produção de linguagens, como os quadrinhos. Em outros termos, um convite a interpretar linguagens dentro de linguagens, interações entre ambientes formativos de sentido, como nos diz D. Barbieri (2017).

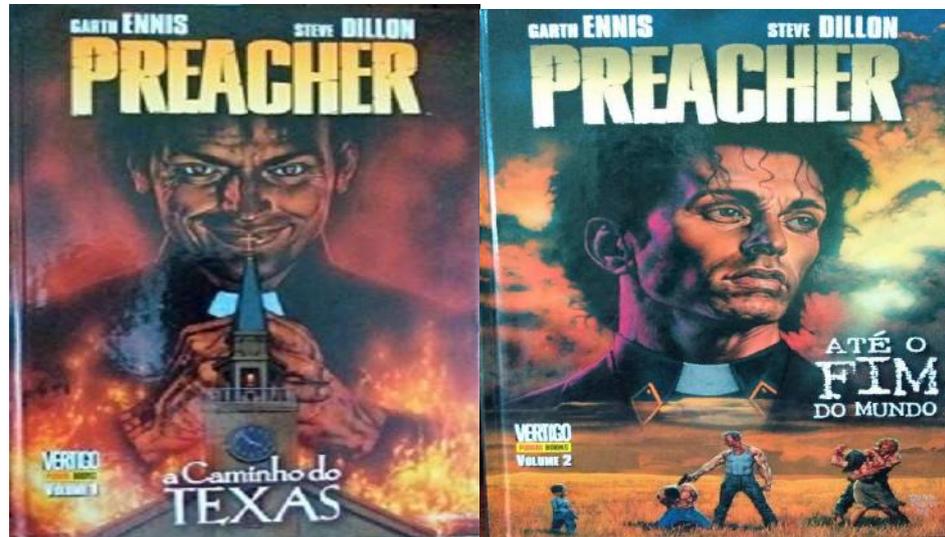


Figura 1 – Capas do Volume 1 e 2 da Série *Preacher* desenhadas pelo artista Glenn Fabry.  
Fonte: ENNIS, G. & DILLON, S. *Preacher*, vols. 1 e 2. São Paulo: Panini Books, 2012.

A partir das considerações feitas anteriormente, o presente texto desdobra-se em três partes que apontam, por sua vez, para o principal objetivo: analisar e interpretar *Preacher* como uma série quadrinística que textualiza (visual e escrito) a religião em uma de suas linguagens referenciais – as narrativas míticas. Para tanto, na primeira seção do texto, o principal objetivo é mostrar, com o recurso do conceito de *solidariedade icônica* de T. Groensteen (2015), que as releituras da linguagem mítica e religiosa dependem da compreensão de elementos que estruturam as relações imagéticas entre os quadros desenhados que formam a HQ. Na segunda seção do texto o principal objetivo, em caráter mais hermenêutico, é compreender o tema das representações de poderes divinos como um tema de muita importância em toda reescritura de mitos religiosos, na atualização crítica dessas mitologias. Na terceira e última seção, importa analisar o desdobramento da seção anterior ao problematizar como a HQ posiciona o que esse texto caracteriza como fundamentalismo religioso, ou seja, como Ennis e Dillon transformam *Preacher* numa contra-narrativa ficcional, uma nova mitologia que questiona mitos fundantes desses mesmos fundamentalismos. Assim, esses objetivos mais específicos relacionam-se e expandem o principal objetivo afirmado anteriormente. Sigamos.

### 1. *Preacher*: breves apontamentos em torno da solidariedade icônica



A série *Preacher*, que pertence ao selo Vertigo da norte-americana DC Comics<sup>iii</sup>, foi lançada no Brasil, integralmente, pela Panini Books, a partir de 2010<sup>iv</sup>. Aqui em nossa terra brasileira os 66 Capítulos originais foram distribuídos em 9 volumes por essa Editora. O primeiro deles chama-se “A Caminho do Texas” (*Gone to Texas*) e engloba os sete primeiros capítulos da série<sup>v</sup>. O foco da análise recairá, como delimitação do objeto de pesquisa, nos primeiros capítulos dos dois primeiros volumes uma vez que mostram, em toda a sua sequência narrativa, o argumento central que será desenvolvido em toda a série. Em síntese, *Preacher* narra a saga de vários protagonistas em torno da personagem Jesse Custer, um pastor que, uma vez possuído pela entidade híbrida (angelical/demoníaca) chamada *Gênesis*, consegue acessar os mistérios do universo e o lugar de Deus na condução desses mistérios e das vidas humanas, ou melhor, da manipulação destas mesmas vidas. Custer começa a compreender o seu lugar, se assim é possível expressar, em uma *trama mitológica* que coloca céu, inferno e terra em profundos debates e conflitos que decidem sobre os percursos e percalços enfrentados pelos seres humanos quando Deus, na ótica de um relutante e melancólico reverendo Custer, abandona sua criação para construir seus planos egoístas de cooptação desses humanos para a sua devoção. Assim, os artistas Ennis e Dillon constroem uma rede de narrativas que tecem um emaranhado de histórias dentro de histórias, em diferentes camadas, que exacerbam a busca ou *caça* a Deus por parte de Custer e seus companheiros de jornada para cobrar esse mesmo Deus suas responsabilidades.

Após essa síntese da série, coloco como primeiro ponto de aproximação para compreender a HQ, dentre tantos outros possíveis, um olhar mais *interno*, ou seja, mais formal ao quadrinho ao observar algumas de suas características estruturantes que emergem do potencial artístico dos criadores da série. Me inspiro na noção de *solidariedade icônica* do neosemioticista belga Thierry Groensteen (2015) para quem, nos quadrinhos (enquanto sistemas), há o predomínio da imagem/desenho a partir de onde a maior parte da produção de sentido ocorre. Quadrinhos enquanto “(...) uma forma narrativa de dominante visual” (Groensteen, 2015, p. 17; 21). Daí a noção mencionada como fundante para a compreensão dos quadrinhos. A ênfase está não na potência de cada imagem em quadro, mas nas relações entre os elementos que compõem cada quadro e, mais ainda. Entre os próprios quadros, as páginas e na expansão em devir promovido pela leitura. Ou melhor, nas palavras de Groensteen, na solidariedade entre elas. As imagens são diversas. Porém, profundamente correlacionadas:

Definiremos como solidárias as imagens que participam de uma sequência, apresentando a dupla característica de estarem apartadas (faz-se essa precisão para descartar quadros



individuais que encerram em si uma riqueza de padrões ou anedotas) e serem plástica e semanticamente sobredeterminadas pelo simples fato da sua coexistência *in praesentia* (Groensteen, 2015, p. 27-28)

Certamente que essa concepção de Groensteen conta com a complexidade de outras camadas conceituais, tais como sua noção de *artrologia* (estudo das articulações gerais e específicas) e *espaçotopia* (lugar dois espaços): “Vincular os quadros dos quadrinhos consiste necessariamente em vincular os espaços, operar em um espaço compartilhado” (Groensteen, 2015, p. 31). Não irei desenvolvê-las aqui. Basta voltarmos, para o propósito desse texto, à noção central de Groensteen de “solidariedade” mencionada<sup>vi</sup>. Um exemplo de *solidariedade icônica* pode ser visto no Capítulo #11 de *Preacher*, no segundo volume da série intitulado, pela Panini, “Até o Fim do Mundo” (*Until end of the world*). Observemos a Figura 2 a seguir:



Figura 2 - Tulipa O'Hare, ao ser interpelada por Deus, após ser ressuscitada em *Preacher* #11. Fonte: ENNIS, G. & DILLON, S. *Preacher*, v. 2. São Paulo: Panini Books, 2012, p. 92.

À medida que acompanhamos os campos visuais em cada quadro separado (da esquerda para a direita e de cima para baixo), nas suas respectivas tiras, assume-se uma relação de expansão de sentido para a compreensão da sequência narrativa. Na primeira tira (formada por quatro quadros), o primeiro quadro mostra boa parte do gesto da personagem Tulipa O'Hare que mistura temor, medo e certo incômodo diante da luz intensa. No último, concentra-se no olhar da personagem ao gerar uma delimitação corporal e do jogo de emoções: os desenhos nos quadros vão



aproximando-se e enquadrando o referido olhar com a lágrima escorrendo, a fim de criar o efeito de diálogo, de “solidariedade” entre as imagens que possibilita ao leitora e leitora criar uma sequência de clímax emocional, afinal, a personagem olha, aos poucos, para a imagem do próprio Deus.

Em seguida, as outras tiras expandem o desenho em um jogo muito importante de simultaneidade e contraste com a palheta de cores utilizada. Na segunda tira o perfil sombreado de O'Hare em contraste com a luz branca-amarelada que representa a presença divina e, na sequência (na última tira da página), o inverso: o fundo sombreado e a personagem com cores bem definidas. Essa “solidariedade” das imagens tem um efeito, diria hermenêutico (produção interpretativa), muito importante para a compreensão e a produção de sentido da história: propicia condições ao leitor e à leitora marcar o caminho ambíguo entre luz e trevas; medo, insegurança e o olhar para algumas esperanças; morte e vida; receios e confianças; negociações, coerções e autonomias; divino e humano; enfim, dualidades que marcam toda a sequência narrativa das mitologias imbricadas na série. Esse tipo de disposição imagética é recorrente nessa HQ. Diria que é sua “iconicidade”, ou seja, um elemento de forte simbolismo, de forte presença estruturadora de sentido para o entendimento da narrativa visual proposta por Ennis e Dillon em toda a Série. Isso faz com que o jogo de sentido imaginativo que o leitor e a leitora são convidados a trilhar proporcione a criação de suas próprias narrativas imagéticas/interpretativas em torno de um dos temas fundamentais que os mitos religiosos, por exemplo, trabalham: a dialética entre presença e ausência divina para explicar a realidade nua e crua, em suas dores, violências mas, também, amores e desejos que constituem as ambiguidades humanas. O jogo entre presença e ausência divina e o humano presentificado nessas lacunas é muito acentuado na solidariedade icônica analisada nessa HQ. Uma espécie de chave de leitura para compreender o lugar do religioso nessa série.

## **2. As reinvenções do divino na mitologia de *Preacher***

Mitos são nomeações que damos a determinadas produções culturais, a partir de grupos sociais que procuram, majoritariamente através de uma estrutura narrativa (primeiramente em formas orais e, depois, escritas), construir experiências de sentido para o ordenamento da realidade frente às muitas vicissitudes cotidianas. Por isso os mitos estão abundantemente presentes nas



religiões. Não à toa as narrativas de criação (*cosmogonias*) estão muito presentes nos mitos religiosos, uma vez que “criar” significa controlar e afirmar as explicações fundantes que dão origem a esses sentidos que, se espera, coloquem um pouco de ordem no caos, nas contradições da vida. Assim, mitos são uma forma de linguagem e, juntamente com os símbolos, uma das linguagens fundamentais em que as experiências religiosas se expressam (Eliade, 2002). Na afirmação de I. Reblin (2015, p. 157), em síntese:

os mitos são justamente histórias originárias geradoras de cultura que visam manter e reafirmar a identidade de um grupo, sustentar sua coesão interna, inspirar e dar sentido e lidar com aspirações, valores e projeções (...) são narrativas que encantam (...) tanto enfeitam quanto maravilham

Certamente que a imagem de Deus é uma, dentre várias outras, expressão do divino. E pensar as representações do divino é um, dentre vários eixos temáticos, que se pode investigar sobre religião em *Preacher*. Importa dizer que a maneira como Ennis e Dillon criam a imagem representativa do divino só aparecerá, explicitamente, no Capítulo 11 da Série, intitulada “Parceiros”<sup>vii</sup>: Deus se revela para a namorada do reverendo Jesse Custer, Tulipa O’Hare, que acabara de ser friamente executada com um tiro na cabeça (como foi inicialmente mencionado em relação à Figura 2). A revelação/aparição conjuga-se com o poder divino que ressuscita O’Hare. Qual o objetivo dessa ressurreição? Fazer com que Tulipa convencesse Custer a aceitar o amor de Deus e a deixar de persegui-lo. É possível estabelecer aqui algumas relações intertextuais: nas narrativas neotestamentárias<sup>viii</sup> os mitos cristãos falam da aparição de Jesus Cristo ressuscitado, pelo amor de Deus, para a salvação das pessoas, ressurreição essa anunciada por anjos a mulheres<sup>ix</sup>. No caso da HQ o próprio poder da ressurreição, corporificado em Deus, aparece a uma mulher para anunciar seu amor por sua criação, relida como coerção e manipulação egoísta, segundo a trama narrativa tecida pelas personagens. M. Grimshaw (2010), por exemplo, chega ao ponto de afirmar que Jesse Custer é um tipo, uma figuração do Cristo, a representação do *novo Messias* ou o *novo Adão*, possuído pelo poder absoluto de *Gênesis*. Tulipa seria um tipo de *nova Eva*, uma *sedutora parcial*, mas uma *nova Lilith*<sup>x</sup> também, para lembrar os mitos dos midraxex judaicos com sua resistência, força e independência a fim de, juntos, chamarem Deus para sua responsabilidade de ter abandonado sua criação, seus filhos e filhas. Esse abandono, essa falta de responsabilidade, esse não “estar nem aí”, é um dos recorrentes temas da Série.



Figura 3 - Deus aparece para a ressuscitada Tulipa O'Hare. Fonte: ENNIS, G. & DILLON, S. *Preacher*, v. 2. São Paulo: Panini Books, 2012, p. 93.

Mas trata-se de um outro aspecto que quero chamar a atenção: essa aparição/revelação imagética do divino (Figura 3), somente no capítulo 11, tem um efeito narrativo importante: aumentar, na leitora e leitor a tensão, a expectativa em torno da ideia central da HQ e, no caso da hipótese central desse texto, da própria função mitológica na narrativa: a criação do abandono de Deus, seu suposto sumiço como causa dos males e violências que afligem os seres humanos. Se em leituras mais tradicionais do Antigo Testamento as tradições bíblicas apontam, nos mitos de *Gênesis*<sup>xi</sup>, a desobediência humana - simbolizada pelo casal original - como causa do mal e do sofrimento, *Preacher*, de forma sempre provocativa e irônica, reinventa o mito: a fuga de Deus do seu trono celestial, sua errância por lugares desconhecidos a fim de manipular os seres humanos de forma egoísta para, dentre outras coisas, arquitetar seu plano para derrotar outro grande poder, o de *Gênesis*. É justamente essa fuga divina a causa de toda desobediência e males humanos.

Por falar em *Gênesis*, temos aqui outro aspecto interessante em relação às representações do divino na HQ: trata-se da hermenêutica em torno do tema da *Palavra de Deus*, algo bem presente já nos primeiros capítulos da série. Como é sabido *Gênesis*, nome do primeiro livro do Pentateuco, no chamado Antigo Testamento cristão<sup>xii</sup>, dá nome para a entidade gerada pela relação sexual entre um anjo e um demônio feminino na HQ. Dono de um imenso poder, pois conjuga a dialética do céu e do inferno, poder esse que rivaliza com o do próprio Deus, *Gênesis* possui a mente/alma do reverendo Jesse Custer uma vez que, para se desenvolver e atingir a plena consciência e controle absolutos, essa entidade espiritual deve partilhar a dimensão humana. Não à toa *Gênesis* apresenta, antes de possuir Custer, feições humanas de um bebê (Figura 4), implicando na ideia de um necessário crescimento.



Figura 4 - Momento em que o reverendo Custer é possuído pela entidade Gênesis em *Preacher* #1  
Fonte: ENNIS, G. & DILLON, S. *Preacher*, v. 1. São Paulo: Panini Books, 2012, p. 33;35.

À medida que a série se desenvolve percebe-se que Custer manifesta o poder da Palavra ao acionar a presença de *Gênesis* em sua consciência. Como efeito prático, tudo o que Custer fala, acontece. Literalmente. A narrativa provoca nos leitores e leitoras a possibilidade de pensar como mitologias podem ser reimaginadas e reescritas em um de seus pontos centrais: criações de divindades são criações de poderes, seja para a manutenção desses mesmos poderes, seja para a subversão dos mesmos, ou seja, a legitimação do ordenamento social pelo discurso, muitas vezes, religioso. Um exemplo dramático e grotesco na HQ, bem na conjugação entre a ironia escrita e representada visualmente, ocorre quando Custer fala/determina, pelo poder de *Gênesis*, ao xerife Root, que o perseguia. O diálogo ocorre mais ou menos na seguinte forma:

Root: “Hora de eu ir...”  
Custer: “Não. Nós é que vamos”  
Custer/*Gênesis*: “**vo**çê vai é se foder”  
(*Preacher* #4, v. 1, 2012, p. 118)<sup>xiii</sup>

Na sequência do plano narrativo há um corte, através de uma sarjeta<sup>xiv</sup>, e a cena é retomada mais à frente, em outra temporalidade, com o xerife recebendo cuidados médicos emergenciais em uma ambulância. O Motivo? Um dos socorristas explica ao filho do xerife: “Seguinte. O pênis



decegado dele [Root] tá preso no cólon, e já passou do prazo que permite microcirurgia. Mas pelo menos a condição de seu pai é estável” (*Preacher* #4, v. 1, 2012, p. 119). Em seguida o xerife chama o seu filho e, diante do adolescente, dá fim à própria vida com um tiro.



Figura 5 - Custer manifesta o poder da Palavra a partir de *Gênesis*.  
Fonte: ENNIS, G. & DILLON, S. *Preacher*, v. 1. São Paulo: Panini Books, 2012, p. 113.

Assim, em vários momentos, *Preacher* recoloca o problema da manipulação da *Palavra de Deus* que, enquanto poder, faz do dizer um acontecer. Pela palavra das divindades muitos mitos religiosos narram as criações e, também, destruições. Custer usa o poder de *Gênesis* para controlar a realidade e obter as respostas que julga necessitar. Entretanto, a *efetivação literal da Palavra* leva a consequências imprevistas e, muitas vezes, desastrosas. Um exemplo é o caso da personagem Root mencionada anteriormente: uma palavra que gera a morte. Porém, na figura anterior (número 5), vê-se o uso da *Palavra* para desconstruir certa arrogância/onipotência divina: o anjo, como representante de Deus, é *rebaixado* da sua narcisística condição de superioridade celestial para um quase humano, *obediente* à Palavra de um ser poderoso (*Gênesis*) mas que se expressa por palavras humanas (Custer). Uma crítica, possivelmente, às mitologias que sustentam discursos e práticas de determinados fundamentalismos religiosos para os quais o absoluto da interpretação literal, sob o discurso de respeito e obediência a Deus gera, muitas vezes, tragédias e atentados à vida. Sobre o fundamentalismo, voltarei na última seção desse texto.



O fato é que o poder/entidade que possui o “Pregador” (*Preacher*) não é nomeado por *Gênesis* à toa. Ele possui uma função narrativa importante na série: é como se Custer/*Gênesis*, à medida que a narrativa avança nos capítulos em sua busca por Deus, sempre criasse novos princípios, novas *origens*, novos entendimentos sobre os valores, as potencialidades criativas mas, também, as potencialidades destrutivas dos seres humanos na criação de preconceitos, violências das mais diferentes ordens, explorações, dentre outros aspectos<sup>xv</sup>. Custer e demais personagens da série, em suas especificidades, são boas representações do que, em boa medida, as divindades realmente são nas mitologias: idealizações e exacerbações, mas que ganham concretizações, das potencialidades ambíguas dos próprios seres humanos (Reblin, 2015, p. 160-1). Daí que, ao longo de toda a série, as representações mitológicas dos poderes divinos se abrem para refletir, na conjugação entre imagem e escrita, outras mitologias a fim de proporcionar o que pensar em relação a temas cruciais que escancaram as idealizações e exacerbações afirmadas anteriormente.

### 3. Um *réquiem* para os fundamentalismos

O termo “fundamentalismo” remete a um conjunto de fenômenos muito complexos que exige uma pluralidade categorial para a sua melhor compreensão. Assim, extrapola os objetivos desse texto<sup>xvi</sup>. Aqui, tão somente, inspirado nos estudos de crítica cultural proposto por Terry Eagleton (2010), compreender o fundamentalismo a partir, como faz o filósofo e crítico literário inglês, de certa fenomenologia do sentido em suas expressões culturais. Os fundamentalistas, aqui, os religiosos, orientam sua consciência para uma experiência radical da busca de sentido em meio a uma realidade caótica, fraca, efêmera. Porém, segundo Eagleton, o fazem a partir de uma negação radical e pretensamente totalizadora de uma dimensão constitutiva da própria vida em existência: sua incontornável ambiguidade. Para o fundamentalista, “(...) a única imagem válida do futuro é o fracasso do presente. (...) O exercício do poder é brinquedo de criança, comparado com a confissão de fraqueza” (2010, p. 239). A fraqueza, a ambiguidade e as incertezas têm status ontológico para os fundamentalistas: equivalem a um não-ser. Trata-se da projeção do absolutismo na vida: “Não há letras ausentes para o fundamentalista. Ele quer sustentar a vida com a morte – escorar o vivo



com uma letra morta” (2010, p. 276). Ou, em outros termos: “O fundamentalista está à deriva nas águas agitadas da vida social, nostálgico do gelo liso da certeza absoluta onde se pode pensar, mas sobre o qual não se pode caminhar” (2010, p. 274).

No caso específico da experiência religiosa, Eagleton faz uma provocadora reflexão em relação à apropriação de sentido que os fundamentalistas estabelecem com a produção de seus textos sagrados onde, de fato, esse tipo de experiência religiosa procura ancorar a sua leitura de mundo, a busca pelo “fundamento”. Vale à pena citá-lo mais uma vez (2010, p. 272):

Os fundamentalistas não vêem que a frase “texto sagrado” é autocontraditória – que texto nenhum pode ser sagrado, pois cada peça de escritura é profanada por uma pluralidade de sentidos. (...) o significado que já foi escrito é não-higiênico (...) Como a matéria, a linguagem, aos olhos dos fundamentalistas, é demasiado fecunda, sempre desovando e proliferando, incapaz de dizer uma coisa de cada vez

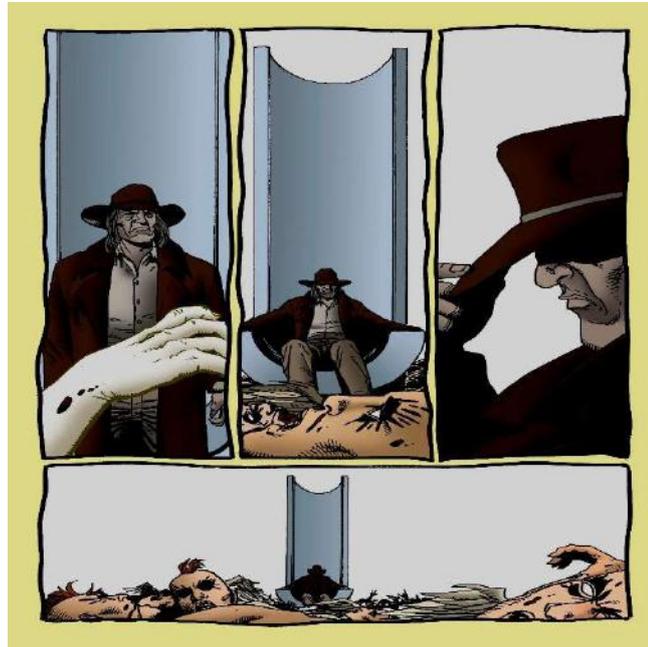
Certamente podemos problematizar o próprio texto de Eagleton, por exemplo, em sua noção de “sagrado” como algo “intocável”, quase interdito. Pelo menos poderia estabelecer uma relação mais dialética com a noção de “profano”. Além disso, Eagleton escreve seu texto a partir do contexto europeu e poucos anos após os atentados de 11 de setembro nos EUA. Mas foge dos propósitos, aqui, fazer uma crítica da crítica. Talvez, o que os fundamentalistas fazem é, justamente, eliminar a dialética entre sagrado e profano, principalmente no que diz respeito à materialização de suas experiências em textos escritos. Importa, sim, voltar para *Preacher*.

Um dos temas derivativos da representação do divino, em *Preacher*, é essa questão do fundamentalismo religioso, principalmente de viés cristão. Embora outras formas de práticas fundamentalistas, como as de viés político, também são problematizadas na HQ. O Deus na narrativa quadrinística em questão é, no fundo, fraco, inseguro, narcísico: ao menor sinal de perda de controle, afirma-se através da manipulação, de uma suposta onipotência egoística. Mas, um fundamentalista jamais construiria a representação de um deus fraco, para lembrar Eagleton. Não suportaria isso. É o desmonte de sua estrutura de sentido de vida. Ennis e Dillon recriam, com muita propriedade, um contra-discurso a essa mitologia fundamentalista. No interessante artigo intitulado “O brado rebelde” (*Rebel Yells*, 2007), Niall Kitson afirma que Ennis e Dillon recriam, ficcionalmente, duas grandes narrativas mitológicas em *Preacher* enquanto gênero literário: a mitologia do *Western* americano e do Gótico. Personagens como o próprio reverendo Custer, a representação de seu parceiro imaginário em John Wayne, a personagem “Santo dos Assassinos”,



a ambientação de boa parte da saga no Texas, enfim, evocam a mitologia do estilo de vida americano - com influência profunda dos movimentos de certos fundamentalismos evangélicos - em suas origens: o bom homem, sóbrio, racional, cidadão de bem afeito ao cumprimento das leis, nem que, para isso, tenha que utilizar a força e a violência, moralmente elevado, garantidor da ordem e bons costumes. Por outro lado, existe toda uma sorte de elementos de mitologias góticas: o grotesco, o irracional, as monstruosidades da existência, o místico, batalhas entre o céu e o inferno, anjos e demônios, a sátira e a ironia, dentre outros aspectos. Personagens como o núcleo familiar do reverendo Jesse Custer com sua avó Marie L'Angelle, a família do amigo de infância Billy Bob, as loucuras de personagens como Jesus de Sade e Odin Quincannon, o drama contrastado com a sátira, ironia e o grotesco da personagem “Cara de Cú”, a própria mitologia de criação de Gênesis apontam, segundo Kitson, para o gênero gótico. Todas essas mitologias entremeadas com a releitura do problema de uma identidade “diaspórica” exemplificada na vida errante das personagens, tais como o vampiro irlandês Cassidy. Ou seja, para Kitson, Ennis e Dillon constroem, em *Preacher*, uma grande mitologia das jornadas errantes da existência: todos estão fora de lugar. Todos são, em alguma medida, forasteiros. Todos buscam o sentido, fundamentos, em meio às fragilidades do movimento, das incertezas, dos trânsitos da existência. Até mesmo Deus torna-se esse ser errante. Daí que, por hipótese, as ideias de Kitson ajudam a pensar a crítica que Ennis e Dillon fazem às múltiplas formas de fundamentalismo que, justamente, combatem a vida nessa sua característica fundamental de instabilidade e errância (2007, p. 79-80).

Essa crítica foi antecipada, como dito na seção anterior, nas ações de Custer ao utilizar o poder de Gênesis: o perigo de literalizar, demasiadamente, o uso da Palavra de Deus. Essa “literalização” excessiva do texto sagrado é a sua morte, lembrando Eagleton. Isso pode gerar mais morte do que vida, ou seja, o risco fundamentalista. Não à toa, à medida que a saga avança, o reverendo Custer torna-se muito mais cauteloso em utilizar o poder da entidade espiritual que nele habita. Assim, para o *réquiem* ao fundamentalismo, é possível pensar na personagem mencionada do “Santo dos Assassinos” (*Saint of Killers*). Uma das suas aparições é mostrada na figura 6 a seguir.



**Figura 6:** O Santo dos Assassinos assume o trono celestial  
Fonte: ENNIS, G. & DILLON, S. *Preacher*, #66. NY: Vertigo, 2000.

Como foi dito na Introdução desse texto, voltaria ao final da saga. Eis o momento. O desenho mostra o Santo dos Assassinos sentado no trono celestial de Deus. Observem a imagem de anjos mortos aos pés do Santo, principalmente na última tira da página. Ele comete uma chacina e atira, a sangue frio, no próprio Deus. Afinal, essa personagem nunca erra o alvo. O Santo, convencido pelo reverendo Custer de que Deus o havia manipulado para atender aos interesses egoístas do divino, resolve pôr um fim à sua trágica errância. O Santo descobre que o próprio Deus arquitetou a morte de sua família (esposa e filha) para que ele fosse transformado nesse “Santo”, uma entidade espiritual que, no fundo, é o braço armado do próprio Deus e seus anjos para executar sua vontade. Deus não mata. Supostamente não violenta. Mas o Santo, a mando do divino, sim. É importante observar aqui a riqueza simbólica trabalhada por Ennis e Dillon nessa recriação ficcional/mitológica. O deus (com “d” minúsculo) de Ennis e Dillon é a face do fundamentalismo que precisa ser derrotado, pois é o divino que se alimenta do medo e do terror. Ennis e Dillon colocam a arma na cabeça do próprio Deus. O tiro do fundamentalismo sai pela culatra. É altamente referencial que um assassino tome o trono de Deus na HQ em questão. O próprio nome da personagem “sacraliza” a violência, o assassinato como *modus operandi* do divino. Ou seja, parece que Ennis e Dillon querem chamar o leitor e a leitora para essa reflexão extremamente séria e muito



atual: o fundamentalismo mata. Metaforicamente e literalmente. Na iminência de levar o tiro fatal, Deus pergunta ao Santo, afinal, o que o assassino realmente queria, ao que ele responde: “descansar”<sup>xvii</sup>. Isso significa: parar com a escalada de violência, parar com os falsos discursos que sacralizam a falta de amor e entronizam o ódio. Se é para falar em “morte”, a única aceitável é a das representações de poderes divinos violentadores.

No segundo volume da série, “Até o Fim do Mundo”, conhecemos a história familiar, as “origens” do reverendo Custer. Violentado, desde a infância, por seus tios e avó (não sem motivo representada como uma fundamentalista religiosa) na morada em Angelville, em uma conversa com sua namorada Tulipa, o pregador visita suas memórias: “Não dá para escapar de Angelville... **Nunca**. Se resistir ela [a avó] te dá porrada. Se fugir, ela te arrasta de volta. A vó mandou Jody me surrar e não levantei um dedo para impedi-lo. Paguei um mês de caixão. E finalmente... Depois de **muito** tempo... Aprendi de verdade a amar ao Senhor” (Ennis & Dillon, 2012, v. 2, p. 77-78). Ou seja, constroi-se uma mitologia - uma história de valores originais, fundamentais - em que a devoção a Deus ocorre através do medo e do terror. Essa crítica os criadores da série situam em uma de suas principais personagens, a fim de manter o foco na necessidade de se rever, constantemente, como estruturas societárias, sejam religiosas, sejam políticas ou de qualquer outra natureza, podem se converter em perigosas estruturas “fundamentalistas” de dominação ao operar suas representações “divinas”.

### Considerações Finais

Cito Mike Grimshaw (2010) em uma tentativa de bem resumir toda a saga *Preacher*, no que diz respeito ao tema da religião:

Em *Preacher*, Ennis está afirmando que o horror, o escapamento, a ruptura e o sofrimento ocorrem em um mundo porque Deus abandonou suas responsabilidades. O horror não ocorre por causa da existência de Deus (ou de outra forma), mas por causa da inativa vontade de Deus. No entanto, enquanto atos de horror acontecem por causa da inércia divina, *Preacher* também afirma que Deus procura inspirar o terror (e, assim, forçar a humanidade a buscar refúgio nele). Portanto, Deus deve ser chamado para dar conta de seu abandono do mundo - o abandono é um dos motivos tradicionais do horror e do terror - mas com a consciência de que os atos de terror e horror continuarão. No entanto, com a morte de Deus, a humanidade finalmente assumirá a responsabilidade por este mundo e sua existência - e isso inclui seu potencial e possibilidade de horror e terror. [...] Em uma existência radicalmente secularizada, o terror e o tremor continuam a existir, continuam a ser aleatórios e perturbadores, mas as respostas estão agora dentro da esfera de ação da humanidade



Essa citação mostra a centralidade do tema das representações de Deus na HQ *Preacher* e como esse tema se desdobra em vários outros, como a questão dos fundamentalismos, dentro do poder da narrativa visual de criar novos imaginários, novas mitologias contemporâneas de reflexão sobre a sociedade. Procurei mostrar, ainda que de forma básica, justamente como a linguagem mítica/ficcional é importante para a estruturação de sentido quando se pretende pesquisar a religião nessa Série.

Essa linguagem pode ser percebida tanto nas disposições de uma semiótica em torno da solidariedade icônica (Groensteen), a fim de mostrar como os elementos contrastantes na linguagem visual de Dillon “casam” bem com o roteiro de Ennis, com o intuito de propor a construção ambígua das trajetórias das personagens. Esse foi o foco da primeira seção. Nas duas seções seguintes foi proposto uma espécie de hermenêutica das representações religiosas, em particular do tema da imagem de Deus, para mostrar como a crítica ao fundamentalismo religioso perpassa a referida HQ como uma mitologia contemporânea ou uma contra-mitologia aos discursos religiosos hegemônicos. De fato, volto à citação de Grimshaw com a qual iniciei essas Considerações Finais. Elas parecem evocar quase uma perspectiva nietzschiana da “morte de Deus” como condição para o nascimento do humano pleno, o humano que se despede de suas representações de um deus irresponsável diante das vicissitudes da existência, para que um humano corajoso e responsável por si mesmo surja. Mas é sempre bom lembrar que no aforismo 125 de “A Gaia Ciência”, na narrativa do “homem desvairado”, o próprio Nietzsche alerta que o problema é que, mesmo que “matemos deus”, vivemos como se ele ainda estivesse vivo. Os fundamentalismos ainda estão aí para escancarar esse abismo e expulsar das Igrejas/sociedades aqueles que ousam cantar o *requiem aeternam deo*<sup>xviii</sup>. Talvez a HQ *Preacher* mostre que “matar” deus como a representação de uma vontade de dominação significa reconhecer, antes, os mecanismos de criação mitológica dessas representações e criticar o fato de que, antes de preocupar-se, essas representações constroem um deus que “não está nem aí” para o humano e tão somente servem aos grupos de poderes que criam essas mesmas representações.

Assim, a Série *Preacher* abre várias possibilidades de discussão pois os mitos, enquanto linguagem, podem ser ressignificados em tempos outros. Metaforicamente, o poder criador e destruidor de *Gênesis* pode habitar a todos nós, portadores que somos de palavras outras que não somente as dos fundamentalismos religiosos.



## Referências bibliográficas

- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus*. O Fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BARBIERI, Daniele. *As Linguagens dos Quadrinhos*. São Paulo: Peirópolis, 2017.
- EAGLETON, Terry. *Depois da Teoria*. Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- ENNIS, Garth & DILLON, Steve. *Preacher*. #66. New York: Vertigo/DC Comics, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Preacher*. A Caminho do Texas. Vol. 1. São Paulo: Panini Books, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Preacher*. Até o Fim do Mundo, Vol. 2. São Paulo: Panini Books, 2012.
- GESCHÉ, Adolphe. *O Mal*. Coleção “Deus para Pensar”, v. 1. São Paulo: Paulinas, 2003.
- GRIMSHAW, Mike. *On Preacher*. Or, The death of God in Pictures. In: LEWIS, David e KRAEMER, Christine (Eds.) *Graven Images*. Religion in Comic Books and Graphic Novels. New York: Continuum, 2010.
- GROENSTEEN, Thierry. *Comics and Narration*. Jackson: University Press of Mississippi, 2013.
- \_\_\_\_\_. *O Sistema dos Quadrinhos*. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. A sentença nietzschiana “Deus está morto”. In: *Natureza Humana* 5 (2): 471-526, jul.-dez. 2003.
- KITSON, Niall. Rebel Yells: Genre Hybridity and Irishness in Garth Ennis & Steve Dillon’s *Preacher*. In: *The Irish Journal of Gothic and Horror Studies*, 2, p. 72-84, 2007. Disponível em: <https://irishgothichorror.files.wordpress.com/2016/04/ijghsissue21.pdf>
- LARAIA, Roque de B. Jardim do Éden revisitado. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, 1997, v. 40, n. 01, p. 149-64.
- POSTEMA, Barbara. *Estrutura Narrativa nos Quadrinhos*. Construindo sentido a partir de fragmentos. São Paulo: Peirópolis, 2018.
- REBLIN, Iuri A. *O Alienígena e o Menino*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- VV. AA. *BÍBLIA SAGRADA*. Disponível em: [www.biblionline.com.br](http://www.biblionline.com.br)

## Notas explicativas

<sup>i</sup> Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Professor Adjunto I da Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém. Coordenador da Linha de Pesquisa “Religião e Quadrinhos” no Grupo de Pesquisa ARTEMI – Arte, Religião e Memória. Esse texto foi publicado, originalmente, como trabalho completo nos Anais das 5s Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos da Universidade de São Paulo. Aqui o texto vai revisado e ampliado, principalmente no que diz respeito à última seção. E-mail de contato: [gsoldatir@gmail.com](mailto:gsoldatir@gmail.com)

<sup>ii</sup> Personagem Reverendo Jesse Custer, no último capítulo da série *Preacher*, em carta para a sua namorada, a personagem Tulipa O’ Hare. In: ENNIS, Garth & DILLON, Steve. *Preacher*, Capítulo #66. Vertigo, 2000. No original: “The Lord is not The loving God he swore to us he was. Instead he’s just a God who feeds on love. The creation of mankind was the act of an egomaniac, plain and simple – To choose to follow God would be a conscious act, and therefore all the more pleasing to him. The result was a world that can never know peace, but a guess that never bothered him”.



- iii Desde 2019 a DC Comics criou um outro selo, no lugar da Vertigo, chamado Black Label.
- iv Arcos de histórias avulsas de *Preacher* já haviam sido lançadas no Brasil anteriormente (a partir de 1997), por editoras como *Metal Pesado*, *Brainstore*, *Devir*, dentre outras. A Panini, inicialmente, não havia publicado na ordem cronológica original.
- v Os demais Volumes lançados pela Panini são, nessa ordem: Vol. 2: “Até o Fim do Mundo” – capítulos 8 a 17; Vol. 3: “Orgulho Americano” – capítulos 18 a 26; Vol. 5: “Rumo ao Sul” – capítulos 27 a 33; Vol. 6: “Guerra ao Sol” – capítulos 34 a 40; Vol. 7: “Salvação” – capítulos 41 a 50; Vol. 8: “Às portas do inferno” – capítulos 51 a 58; Vol. 9: “Álamo” – capítulos 59 a 66. Não mencionei o Vol. 4, propositadamente, chamado “Histórias Antigas”, pois conta não com capítulos da série e, sim, um conjunto de histórias paralelas sobre personagens específicas. Essas histórias específicas (em um total de 6), também aparecerão em outros volumes, como os de número 5, 6 e 8. Majoritariamente essas histórias focam na origem de algumas das personagens.
- vi Para a leitora e o leitor interessado em aprofundar essas categorias, remeto ao texto referenciado (2015), pelo menos a “Introdução” (p. 9-34) e outro texto do autor belga intitulado *Comics and Narration* (2013), pelo menos o Capítulo 2: *New Insights into Sequentiality* (p. 21-41).
- vii Aqui no Brasil, na coleção mencionada da Panini, esse Capítulo faz parte do Volume 2, “Até o Fim do Mundo”.
- viii Referente ao Novo Testamento da Bíblia cristã.
- ix Este Jesus também morto, por execução do império romano, no suplício da crucificação. Veja-se os textos bíblicos do Evangelho de Lucas, capítulo 23 e o capítulo 28 do Evangelho de Mateus.
- x Para uma compreensão cultural do mito judaico de Eva e Lilith, essa considerada, por esses mitos, a primeira esposa de Adão, veja-se o artigo do antropólogo brasileiro Roque Laraia “Jardim do Éden revisitado” (1997).
- xi Conforme as narrativas nos primeiros três capítulos de Gênesis, na Bíblia.
- xii Na Bíblia Hebraica, a *TaNaK*, o livro de Gênesis é o *Bereshit*, “No Princípio”, em hebraico. Esse texto pertence a Torá. “Gênesis” é uma herança grega e, posteriormente, latina, dentro dos processos de traduções culturais a que os textos bíblicos foram submetidos ao longo da história.
- xiii A representação visual da manifestação de *Gênesis* através de Custer, no desenho de Dillon, é a cor vermelha dos olhos do reverendo e o escrito, no respectivo balão, também destacado em vermelho. Veja-se a Figura 5 nesse texto (na segunda tira da página). Nos balões dessa figura lê-se: Primeira tira, fala do anjo: “Mirai, pois, ó mortais... A glória das hostes celestiais!”. Na segunda tira, a fala de Custer ao manifestar *Gênesis*: “Chega de onda, tudo bem?”. Na terceira e última tira, a fala do anjo: “tudo bem”.
- xiv De acordo com B. Postema, “A sarjeta (ou calha) é o espaço que separa os quadros ou vinhetas. As sarjetas são, normalmente, espaços em branco ou da cor do papel sem impressão. Contudo, em alguns casos, o cenário onde os quadros aparecem é de cor diferente e, nesse caso, as sarjetas apresentarão a cor correspondente” (2018, p. 175)
- xv Ennis e Dillon não economizam no roteiro e arte em cenas de violência explícitas ao longo de toda a Série.
- xvi Para a leitora e leitor que se interessa pelo tema, especificamente o fundamentalismo religioso, remeto ao texto introdutório, em perspectiva mais histórica e social, de Karen Armstrong: “Em nome de Deus” (2001). A autora foca em processos dos chamados “monoteísmos” – Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.
- xvii No original, Deus pergunta: “Please... Please... What is it that you want...?” O Santo dos Assassinos responde: “To rest”. In: ENNIS, G. & DILLON, S. *Preacher*, #66, 2000.
- xviii Para essa reflexão sobre Nietzsche valho-me do excelente texto de Martin Heidegger: “A sentença nietzschiana “Deus está morto” (2003).